

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

O MAR



O mar foi o nosso caminho para o mundo, a sedução permanente da aventura, a rota fascinante do desconhecido. As caravelas, que dolorosa mas firmemente galgaram os mares tremendos do Bojador, e as naus, passaram para lá do cabo das Tormentas, encontraram a história da África Negra, e contribuíram para o encontro da Europa consigo mesma. Com lágrimas, com heroísmo generoso, e estranhas vilezas, este povo virado para o Atlântico transformou os monstros que povoavam os mares em correntes e ventos, abriu novos caminhos de comércio, desenvolveu de forma inquestionável a ciência náutica, a construção naval e a cartografia.

Como diz António Sérgio, «as navegações não se fizeram a acertar(...) houve um plano de conjunto muito bem estudado nas suas minúcias, um querer consciente e positivo, e todas as forças da nação se coordenaram para um grande fim».

Ocupámos e povoámos ilhas desertas com homens e animais, e experimentámos as mais diversas culturas, em terras e climas até então desconhecidos.

Pelo mar, espantámos a Europa, inundámos os mercados de especiarias e plantas exóticas. Pelo mar, caldeámos homens e culturas, construímos uma mentalidade nova para um mundo novo.

É por via do mar que milhões de pessoas de inúmeros países e regiões do mundo pensam e falam português.

Este ano, 2013, a Semana da Leitura é dedicada ao tema do Mar.

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

Selecionamos alguns textos sobre o Mar.

HORIZONTE

O mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
'Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa —
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstrata linha

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

Fernando Pessoa in Mensagem



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.



Fernando Pessoa; in Mensagem

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

OS LUSÍADAS, CANTO V

39

Não acabava, quando ua figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40

«Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!



41

E disse: - «Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou próprio lenho;

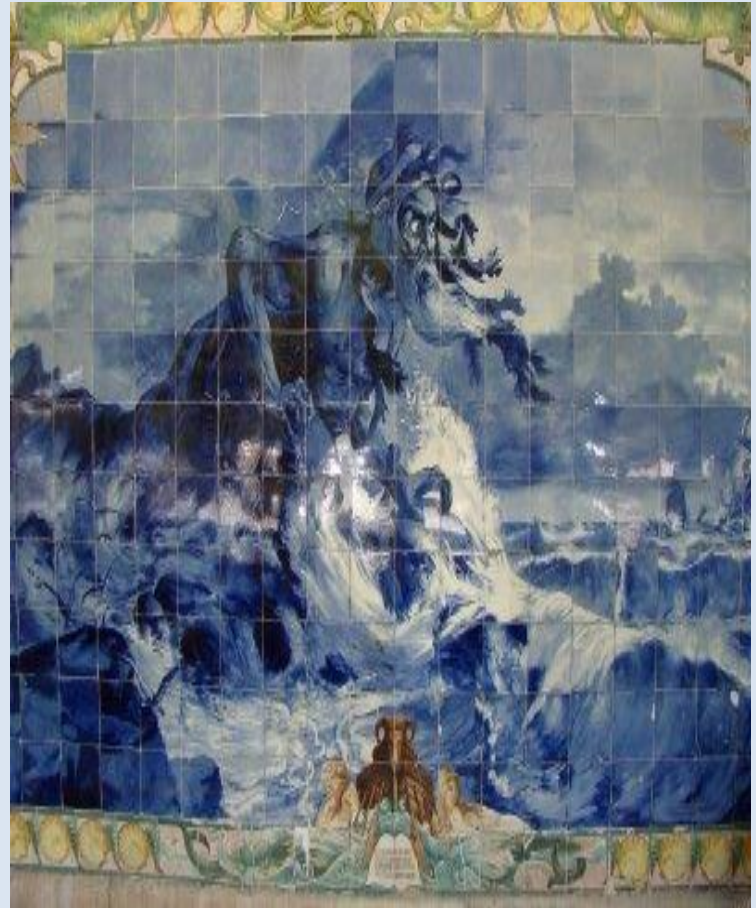
ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

42

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda hás-de sojugar com dura guerra.

43

Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas;
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo
Que seja mor o dano que o perigo!



44

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

45

E do primeiro Ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

46

Outro também virá, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a formosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

47

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
À calma , ao frio, ao ar, verão despidos,
Depois de ter pisada, longamente,
Cos delicados pés a areia ardente.



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

48

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na férvida, implacável espessura.
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da fomesa e misérrima prisão.»

49

Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: - «Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado!»
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

50

-«Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que pera o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

51

Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

52

Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa;
Todas as Deusas desprezei do Céu,
Só por amar das águas a Princesa.
Um dia a vi, com as filhas de Nereu,
Sair nua na praia e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.



53

Como fosse impossível alcançá-la,
Pola grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a Deusa então por mi lhe fala;
Mas ela, cum formoso riso honesto,
Respondeu: - «Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

54

Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano.»
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me, com grandes abundanças,
O peito de desejos e esperanças.

55

Já néscio, já da guerra desistindo,
Ua noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis, única, despida.
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços pera aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

56

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei cum duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando cum penedo fronte a fronte,
Qu'eu polo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo
E, junto dum penedo, outro penedo!



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

57

Ó Ninfa, a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto, irado e quasi insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

58

Eram já neste tempo meus Irmãos
Vencidos e em miséria extrema postos,
E, por mais segurar-se os Deuses vão,
Alguns a vários montes sotopostos.
E, como contra o Céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do Fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo:



59

Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas águas se estenderam.
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.»

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

60

Assim contava; e, cum medonho choro,
Súbito d' ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.



Luís de Camões

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
A roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo:
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso.
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse:
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as repreendeu,
E disse no fim de tremer três vezes:
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»

Fernando Pessoa, in Mensagem



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

A NAU CATRINETA

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.

Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija
Que a não puderam tragar.

Deitaram sorte à ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cair a sorte
No capitão general.

Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal.

"Não vejo terras de Espanha,



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar".

Acima, acima gajeiro,
Acima ao tope real!
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal

"Alvíssaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terra de Espanha,
Areias de Portugal.

Mais enxergo três meninas
baixo de um laranjal:
na sentada a coser,
lã na roca a fiar,
mais formosa de todas
está no meio a chorar".

--Todas três são minhas filhas,
Oh! quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo a hei-de casar.

"A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar".

-- Dar-te-ei tanto dinheiro,
Que o não possas contar.

"Não quero o vosso dinheiro,
pois vos custou a ganhar!



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

-- Dou-te o meu cavalo branco,
Que nunca houve outro igual.

"Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar".

--Dar-te-ei a nau Catrineta
Para nela navegar.
"Não quero a nau Catrineta
Que a não sei governar".

Que queres tu, meu gajeiro,
Que alvíssaras te hei-de dar?

"Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar".

Renego de ti, demónio,
Que me estavas a atentar!
A minha alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao mar.

Tomou-o um anjo nos braços,
Não o deixou afogar.
Deu um estouro o demónio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a nau Catrineta
Estava em terra a varar.



Lenda recolhida por Almeida Garrett

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

BARCA BELA

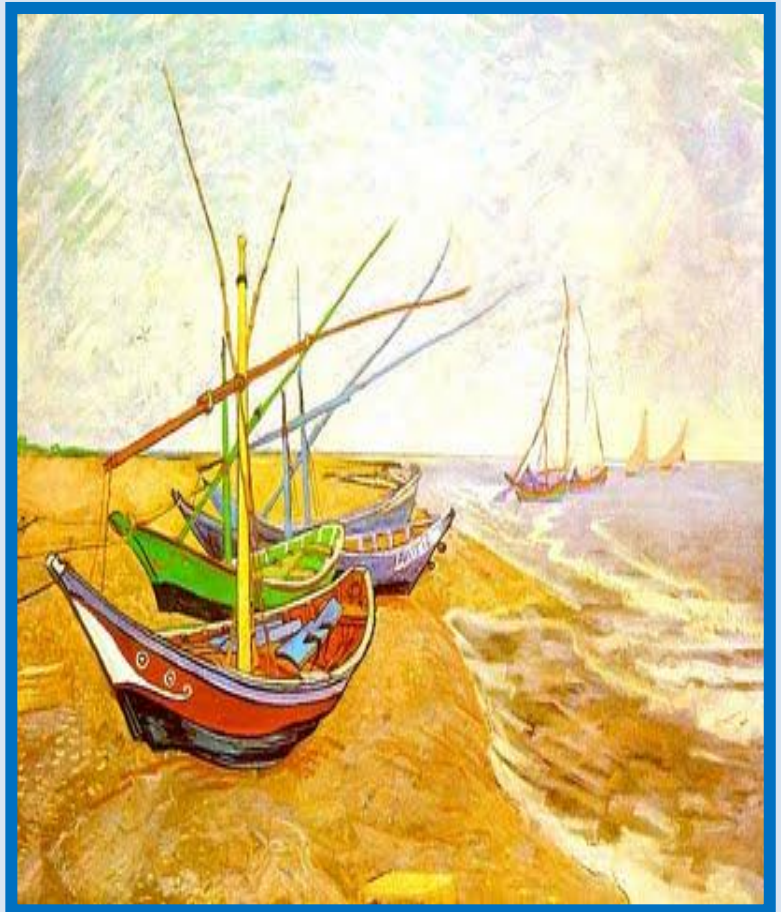
Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela.
Que é tão bela,
Oh pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!
Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Oh pescador!

Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela,
Só de vê-la,
Oh pescador.

Pescador da barca bela,
Inda é tempo, fuge dela
Fuge dela
Oh pescador!

Almeida Garrett



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

A ROSA E O MAR

Eu gostaria ainda de falar
Da rosa brava e do mar.
A rosa é tão delicada,
O mar tão impetuoso, que não sei como os juntar
E convidar para o chá
Na casa breve do poema.
O melhor é não falar:
Sorrir-lhes só da janela.

Eugénio de Andrade



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

POEMA DO HOMEM-RÃ

Sou feliz por ter nascido
no tempo dos homens-rãs
que descem ao mar perdido
na doçura das manhãs.
Mergulham, imponderáveis,
por entre as águas tranquilas,
enquanto singram, em filas,
peixinhos de cores amáveis.
Vão e vêm, serpenteiam,
em compassos de ballet.
Seus lentos gestos penteiam
madeixas que ninguém vê.
Com barbatanas calçadas
e pulmões a tiracolo,
roçam-se os homens no solo
sob um céu de águas paradas.
Sob o luminoso feixe
correm de um lado para outro,
montam no lombo de um peixe
como no dorso de um potro.
(...) Eu sou o homem. O Homem.
Desço ao mar e subo ao céu.
Não há temores que me domem
É tudo meu, tudo meu.



António Gedeão

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

MAR!

Tinhas um nome que ninguém temia:

Era um campo macio de lavrar

Ou qualquer sugestão que apetecia...

Mar!

Tinhas um choro de quem sofre tanto

Que não pode calar-se, nem gritar,

Nem aumentar nem sufocar o pranto...

Mar!

Fomos então a ti cheios de amor!

E o fingido lameiro, a soluçar,

Afogava o arado e o lavrador!

Mar!

Enganosa sereia rouca e triste!

Foste tu quem nos veio namorar,

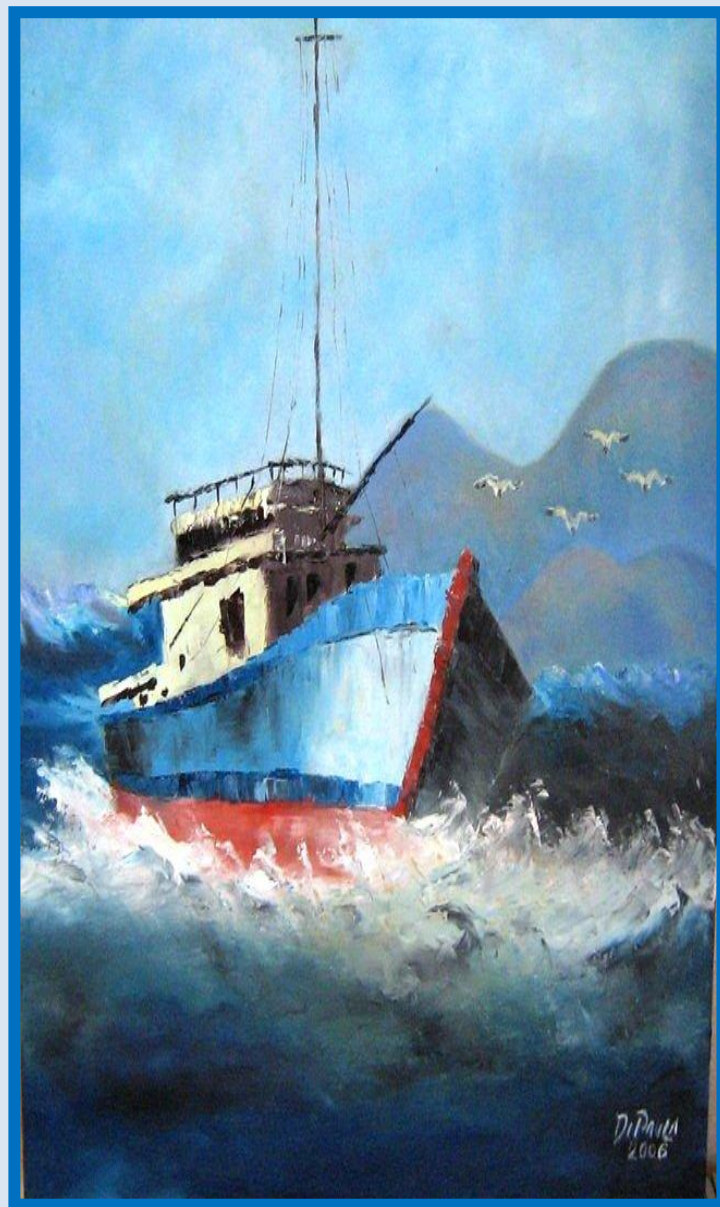
E foste tu depois que nos traíste!

Mar!

E quando terá fim o sofrimento!

E quando deixará de nos tentar

O teu encantamento!



Miguel Torga

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

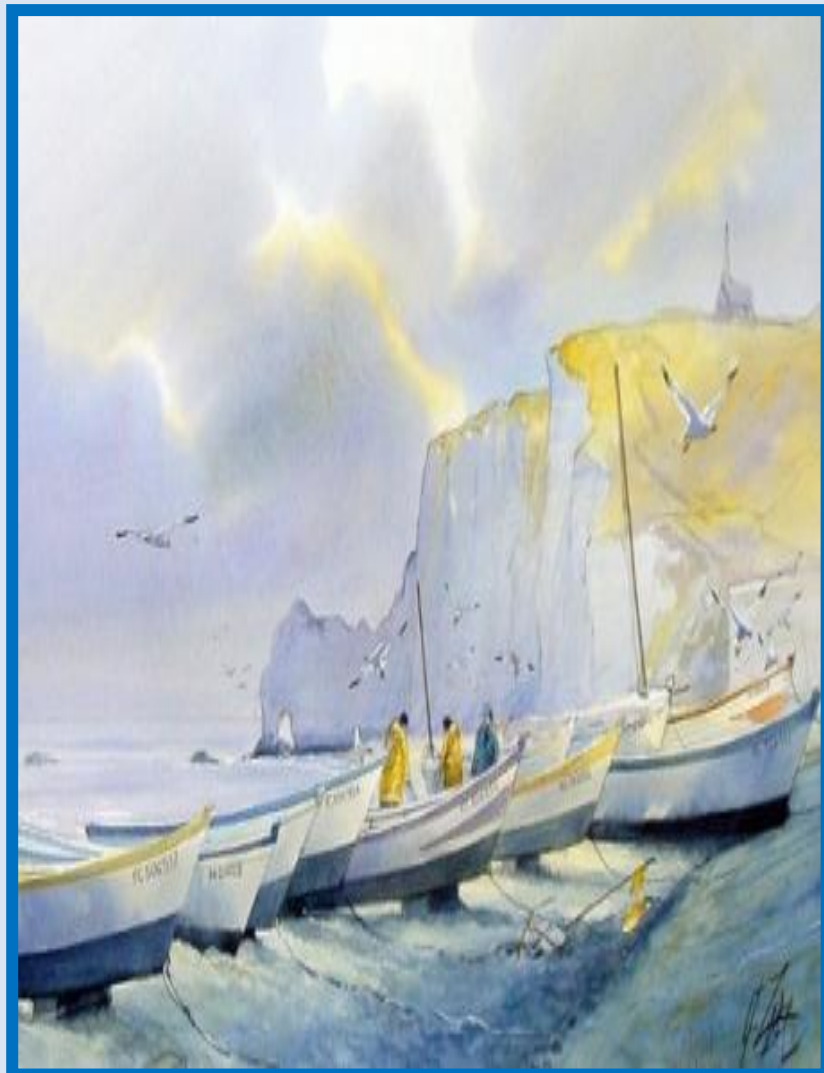
VOZES DO MAR

Quando o sol vai caindo sobre as águas
Num nervoso delíquio d'ouro intenso,
Donde vem essa voz cheia de mágoas
Com que falas à terra, ó mar imenso?

Tu falas de festins, e cavalgadas
De cavaleiros errantes ao luar?
Falas de caravelas encantadas
Que dormem em teu seio a soluçar?

Tens cantos d'epopeias? Tens anseios
D'amarguras? Tu tens também receios,
Ó mar cheio de esperança e majestade?!

Donde vem essa voz, ó mar amigo?....
Talvez a voz do Portugal antigo,
Chamando por Camões numa saudade!



Florbela Espanca

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

ERNEST HEMINGWAY, *O VELHO E O MAR*

(EXCERTO)



Sentiu-se de novo a desmaiar, mas segurou no grande peixe com quanta força pôde. "Mexi-o, pensou. Talvez que desta vez o apanhe. Puxem, mãos. Aguentem, pernas. Cabeça, não me falhes. Não me falhes. Nunca me falhaste. Desta vez, apanho-o". Mas, quando empregou a fundo o seu esforço, começando muito antes de o peixe estar ao pé do barco, aquele voltou-se, endireitou-se, e nadou para longe. - Peixe! - disse o velho. - Peixe! Seja como for, tu vais morrer. Precisas também de me matar?

"Assim não se consegue nada", pensou. A boca, muito seca, não o deixava falar, mas não podia chegar à água. "Já não aguento muitas mais voltas. Sim, aguentas, disse consigo. Aguentas como nunca". Na volta seguinte, quase o apanhou. Mas mais uma vez o peixe se endireitou e nadou devagar para longe. "Tu estás a matar-me, peixe, pensou o velho. Mas tens todo o direito. Nunca vi uma coisa maior, ou mais bela, ou mais serena ou mais nobre do que tu, meu irmão. Vem e mata-me. Não quero saber qual de nós mata". "Agora estás tu a perder a cabeça, pensou. E não deves perder a cabeça. Não a percas, e aprende a sofrer como um homem. Ou como um peixe". - Reanima-te, cabeça - disse numa voz que mal ouvia. - Reanima-te. Duas vezes mais aconteceu o mesmo. "Não sei", pensou o velho. Estivera a ponto de sentir-se morrer, de cada vez. "Não sei. Mas torno a tentar". Tornou a tentar, e sentiu-se esmorecer, quando voltou o peixe. O peixe endireitou-se, e afastou-se outra vez, lentamente, com a grande cauda balouçando no ar. "Torno a tentar", prometeu o velho a

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

si próprio, embora nem sentisse as mãos e apenas visse por lampejos. Tentou de novo, e foi o mesmo. "Pois é", pensou, e sentia-se desfalecer, antes de principiar; "hei-de tornar a tentar". Convocou toda a sua dor, quanto lhe restava de forças, e o seu orgulho perdido, e tudo lançou contra a agonia do peixe, e o peixe veio rente à borda e nadou mansamente junto à borda, com o nariz quase roçando o costado do barco, e começou a passar-lhe por baixo, longo, fundo, largo, prateado, listrado de púrpura, interminável nas águas. O velho largou a linha, calcou-a com o pé, levantou o arpão ao alto e fê-lo descer, com toda a força que tinha e mais força que no momento invocou, pelo flanco do peixe adentro, mesmo por trás da grande barbatana peitoral que alta se erguia no ar à altura do peito do homem. Sentiu o ferro entrar e debruçou-se sobre ele e fê-lo entrar mais e carregou depois com o seu peso em cima.

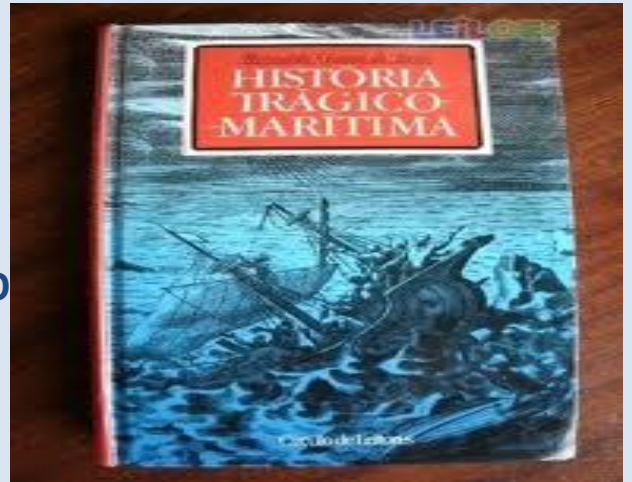
ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

RELAÇÃO DA MUI NOTÁVEL

PERDA DO GALEÃO GRANDE S. JOÃO

(EXTRACTO)



Cousa é esta que se conta neste naufrágio para os homens muito temerem os castigos do Senhor e serem bons cristãos, trazendo o temor de Deus diante dos olhos, para não quebrar seus Mandamentos. Porque Manoel de Sousa era um fidalgo mui nobre e bom cavaleiro, e na Índia gastou em seu tempo mais de cinquenta mil cruzados em dar de comer a muita gente, em boas obras que fez a muitos homens; por derradeiro foi acabar sua vida e de sua mulher e filhos em tanta lástima e necessidade entre os cafres, faltando-lhe o comer e beber e vestir. E passou tantos trabalhos antes de sua morte que não podem ser cridos senão de quem lhos ajudou a passar, que entre os mais foi um Álvaro Fernandes, guardião do galeão, que me contou isto muito particularmente, que por acerto achei aqui em Moçambique no ano de mil e quinhentos e cinquenta e quatro.

E por me parecer história que daria aviso e bom exemplo a todos, escrevi os trabalhos e morte deste fidalgo e, de toda a sua companhia, para que os homens que andam pelo mar se encomendem continuamente a Deus e a Nossa Senhora, que roga por todos. Ámen.

Partiu neste galeão Manoel de Sousa, que Deus perdoe, para fazer esta desventurada viagem de Cochim, a três de Fevereiro do ano de cinquenta e dous. E partiu tão tarde por ir carregar a Coullão e lá haver pouca pimenta, onde carregou obra de quatro mil e quinhentas, e veio a Cochim acabar de carregar a cópia de sete mil e quinhentas por toda, com muito trabalho por causa da guerra que havia no Malavar. E com esta carga se partiu para o Reino, podendo levar doze mil; e ainda que a nau levava pouca pimenta, nem por isso deixou de ir muito carregada de outras mercadorias, no que se havia de ter muito cuidado pelo grande risco que correm as naus muito carregadas.

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

A treze de Abril veio Manoel de Sousa haver vista da costa do cabo em trinta e dous graus, e vieram ter tanto dentro porque havia muitos dias que eram partidos da Índia, e tardaram muito em ver o cabo por causa das ruínas veias que traziam, que foi uma das causas, e a principal, de seu perdimento, porque o piloto André Vaz fazia seu caminho para ir à terra do cabo das Agulhas, e o capitão Manoel de Sousa lhe rogou que quisesse ir ver a terra mais perto; e o piloto, por lhe fazer a vontade, o fez; pela qual razão foram ver a Terra do Natal e, estando à vista dela, se lhe fez o vento bonança, e foi correndo a costa até ver o cabo das Agulhas, com prumo na mão e sondando; eram os ventos tais, que um dia ventava levante, outro se levantava poente. E Sendo já em onze de Março, eram nordeste e sudoeste, com o Cabo de Boa Esperança vinte e cinco léguas ao mar, ali lhe deu o vento oeste e o és-noroeste com muitos fuzis. E sendo perto da noite o capitão chamou o mestre e o piloto e lhes perguntou que deviam fazer com aquele tempo, pois lhe era pela proa, e todos responderam que era bom conselho arribar. As razões que davam para arribar foram que a nau era muito grande e muito comprida, e ia muito carregada de caixaria e de outras fazendas, e não traziam outras velas senão as que traziam nas vergas, que a outra equipação levou um temporal que lhe deu na Linha e estas eram tão rotas que se não fiavam nelas; e que se parassem, e o tempo crescesse, e lhes fosse necessário arribar, lhes poderia o vento levar as outras velas que tinham, que era prejuízo para sua viagem e salvação, que não havia na nau outras; e tais eram aquelas que traziam, que tanto punham em as remendar como em navegar. E uma das cousas por que não tinham dobrado o cabo a este tempo, foi pelo tempo que gastavam em as amainar para coserem; e portanto o bom conselho era arribar com os papa-figos grandes ambos baixos, porque dando-lhe somente a vela de proa, era tão velha que estava mui certo levar-lha o vento da verga, pelo grande peso da nau e, ambos juntos, um ajudaria ao outro. E vindo assim arribando, que seriam cento e trinta léguas do cabo, lhes virou o vento ao nordeste e ao lés-nordeste tão furioso que os fez outra vez correr ao sul e ao sudoeste; e com o mar que vinha feito de poente e o que o levante fez, meteu tanto mar que cada balanço que o galeão tomava parecia que o metia no fundo. E assim correram três dias, e ao cabo deles lhe tornou o vento a acalmar, e ficou o mar tão grande e trabalhou tanto a nau que perdeu três machos do leme so-os polegar, em que está toda a perdição ou salvação de uma nau. E isto se não sabia de ninguém, somente o carpinteiro da nau que foi ver o leme, e achou falta dos ferros; e então se veio ao mestre

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

e lho disse em segredo, que era um Cristóvão Fernandes da Cunha, o Curto. E ele respondeu, como bom oficial e bom homem, que tal coisa não dissesse ao capitão nem a outra nenhuma pessoa, por não causar terror e medo na gente, e assim o fez.

Andando assim neste trabalho, tornou-lhes outra vez a saltar o vento a lés-sudoeste e temporal desfeito, e já então parecia que Deus era servido do fim que ao depois tiveram. E indo com a mesma vela arribando outra vez, lançando-lhe o leme à banda, que não quis a nau dar por ele e toda se pôs de ló; o vento, que era bravo, lhe levou o papa-figo da verga grande. Quando se viram sem vela, e que não havia outra, acudiram com diligência a tomar a vela de proa, e se quiseram antes aventurar a ficar de mar em través que ficarem sem nenhuma vela. O traquete de proa não era ainda acabado de tomar quando se a nau atravessou, e em se atravessando lhe deram três mares tão grandes que dos balanços que a nau deu lhe arrebetaram os aparelhos e costeiras da banda de bombordo, que não lhe ficaram mais que as três dianteiras.

E vendo-se com os aparelhos quebrados e sem nenhuma enxárcia no mastro daquela banda, lançaram a mão a uns viradores para fazerem uns brandais. E estando com esta obra na mão andava o mar muito grosso, e lhes pareceu que por então era obra escusada, e que era melhor conselho cortarem o mastro pelo muito que a nau trabalhava; o vento e o mar eram tamanhos que lhes não consentia fazer obra nenhuma, nem havia homem que se pudesse ter em pé.

Estando com os machados nas mãos, começando já a cortar, vêm supitamente arrebetar o mastro grande por cima das polés das coroas, como se o cortaram de um golpe, e pela banda do estibordo o lançou o vento ao mar, com a gávea e enxárcia, como que fora uma coisa muito leve; e então lhe cortaram os aparelhos e enxárcia da outra banda, e tudo junto se foi ao mar. E vendo-se sem mastro nem verga, fizeram no pé do mastro grande que lhes ficou um mastaréu de um pedaço de entena, bem pregada e com as melhores arreataduras que puderam, e nele guarneceram uma verga para a vela da guia, e da outra entena fizeram uma verga para papa-figo, e com alguns pedaços de velas velhas tornaram a guarnecer esta verga grande, e outro tanto fizeram para o mastro de proa. E ficou isto tão remendado e fraco que bastava qualquer vento para lhos tornar a levar.

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

A BIBLIA - GÊNESIS 7



Entraram de dois em dois para junto de Noé na arca, macho e fêmea, como Deus ordenara a Noé.

E aconteceu que passados sete dias, vieram sobre a terra as águas do dilúvio.

No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos dezessete dias do mês, naquele mesmo dia se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram,

E houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites.

E no mesmo dia entraram na arca Noé, seus filhos Sem, Cão e Jafé, sua mulher e as mulheres de seus filhos.

Eles, e todo o animal conforme a sua espécie, e todo o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil que se arrasta sobre a terra conforme a sua espécie, e toda a ave conforme a sua espécie, pássaros de toda qualidade.

E de toda a carne, em que havia espírito de vida, entraram de dois em dois para junto de Noé na arca.

E os que entraram eram macho e fêmea de toda a carne, como Deus lhe tinha ordenado; e o SENHOR o fechou dentro.

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

E durou o dilúvio quarenta dias sobre a terra, e cresceram as águas e levantaram a arca, e ela se elevou sobre a terra.

E prevaleceram as águas e cresceram grandemente sobre a terra; e a arca andava sobre as águas.

E as águas prevaleceram excessivamente sobre a terra; e todos os altos montes que havia debaixo de todo o céu, foram cobertos.

Quinze côvados acima prevaleceram as águas; e os montes foram cobertos.

E expirou toda a carne que se movia sobre a terra, tanto de ave como de gado e de feras, e de todo o réptil que se arrasta sobre a terra, e todo o homem.

Tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca, morreu.

Assim foi destruído todo o ser vivente que havia sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; e foram extintos da terra; e ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca.

E prevaleceram as águas sobre a terra cento e cinqüenta dias.

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

MAR

I

De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquele praia extasiada e nua,
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

II

Cheiro a terra as árvores e o vento
Que a Primavera enche de perfumes
Mas neles só quero e só procuro
A selvagem exalação das ondas
Subindo para os astros como um grito puro.



Poesia I

Sophia de Mello Breyner Andresen

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

OS LUSÍADAS, CANTO I

1

AS armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

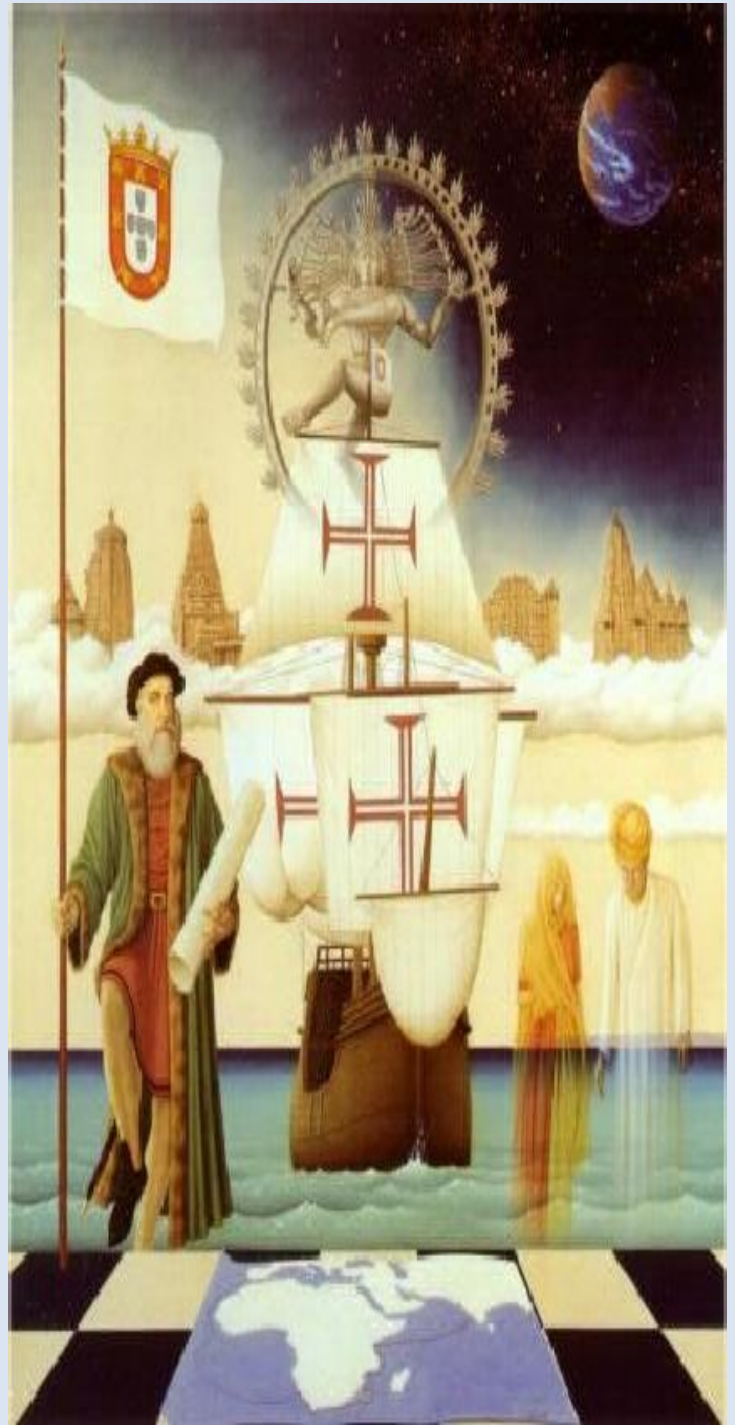
E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

19

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,

106

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?



Luís de Camões

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

OS LUSÍADAS, CANTO IX – A ILHA DOS AMORES

84

Destarte, enfim, conformes já as formosas
Ninfas cos seus amados navegantes,
Os ornem de capelas deleitosas
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhe davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

85

Ūa delas, maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

86

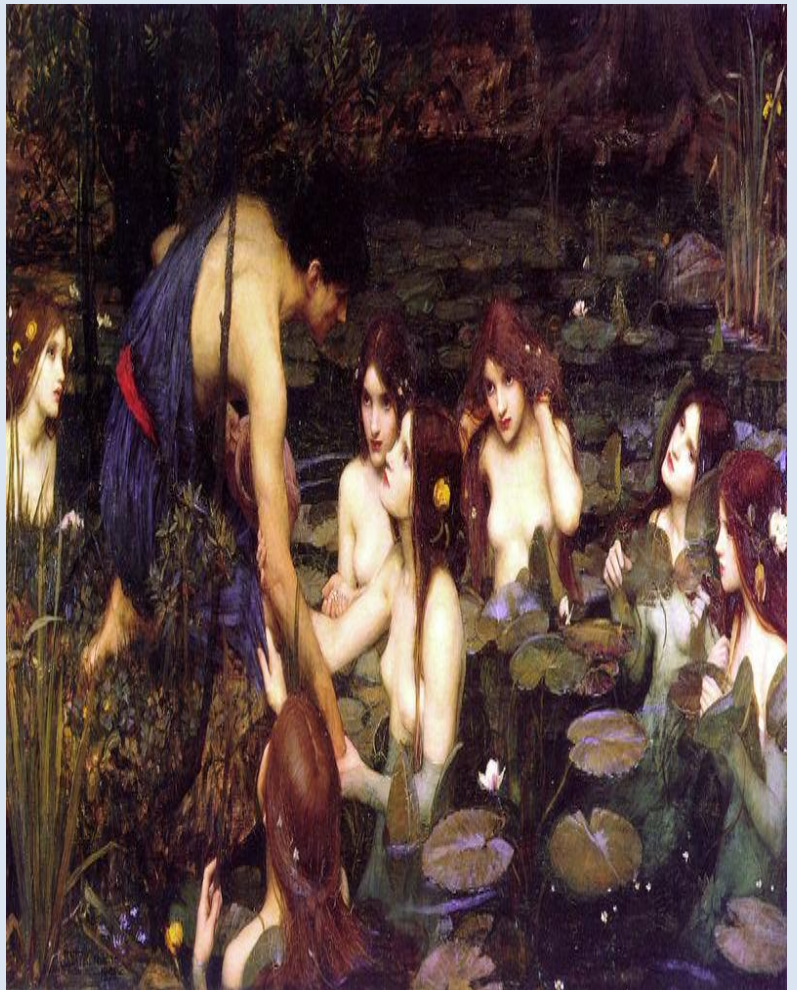
Que, depois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influência do imóvel fado,
Pera lhe descobrir da unida esfera
Da terra imensa e mar não navegado
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia,

87

Tomando-o pela mão, o leva e guia
Pera o cume dum monte alto e divino,
No qual ūa rica fábrica se erguia,
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia,
Em doces jogos e em prazer contino.
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.

88

Assi a formosa e a forte companhia



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

O dia quási todo estão passando
Nũa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

89

Que as Ninfas do Oceano, tão fermosas,
Tétis e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta Ilha.

90

Que as imortalidades que fingia
A antiguidade, que os Ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso,

91

Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo cos varões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneas e Quirino e os dous Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

92

Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no Mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses, Imortais,
Indígetes, Heróicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo.



ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

93

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente:
Milhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

94

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos inimigos Sarracenos
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

95

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos
E nesta «Ilha de Vénus» recebidos.



LUÍS DE CAMÕES

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

OS PESCADORES DE RAUL BRANDÃO (1923)

À MEMÓRIA DE MEU AVÔ, MORTO NO MAR



MULHERES

Foz do Douro. Esta velha, crestada pela desgraça e pelo tempo, com sulcos de velhice e de lágrimas na cara, é que os impele para o mar. E o mar tem-lhos levado todos. Dobra-se-lhe o corpo exausto, rodilha gasta pela vida. Mas quando o Inverno chega e a fome aperta, é ela que os injuria:

– Má raios partam o mar! Então quereis morrer à fome e os mininos?

Se os batéis estão em perigo, corre a costa, açoitada pelo vento, bebendo as lágrimas e o cuspo do mar, e contendo o coração em farrapos, com as mãos negras apertadas sobre a tábua rasa do peito.

– Quem lhe falta, tiazinha?

– O meu filho, o meu neto. Já o maldito me levou o pai, leva-me agora os filhos!

Andou toda a vida de luto. Viu-os despedaçados nas pedras, e deitou toda a ternura que tinha para deitar. Mas incita-os, pragueja, empurra-os, para que não haja fome em casa.

Só o mar dá o sustento e a morte. Há mais de um mês que dura o Inverno.

– Má raios partam o mar!

E corre com as redes à cabeça, a cesta no braço, e os soluços represados na garganta, levando o neto atrás de si a rasto para o barco.

– Tenho chorado tantas lágrimas como aquele mar salgado!...

(..)

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

Acabada a pesca, todo o trabalho cabe à mulher, que fabrica a graxa, que trata dos filhos, que faz redes, as lava e as conserta, e que vai vender por esses caminhos fora.

E ainda o pior para todas estas mulheres não é serem bestas de carga, dias atrás de dias encharcadas e escorrendo salmoura... A mocidade dura-lhes o que duram as rosas.

Quase sempre de uma beleza delicada, a mulher da beira-mar, com excepção da do Algarve, que é «a prenda da casa», logo que casa carrega com quase todo o peso do lar, cresta-se e envelhece. Acusam-na de imprevidência. Imprevidente é o homem, que gasta na taberna tudo o que ganha. O lavrador é avaro: tira o pão da arca a medo, como quem sabe o que ele lhe custa de esforços persistentes – o pescador, num dia de fartura, enche a casa de pão. E o mar inesgotável não lhe foge... Mas ela não. Ela, remenda, poupa e vai arrancá-lo à taberna. Conheço-lhes desde pequeno os extremos de dedicação e de força diante da desgraça. Esta pobre mulher – terra virgem de ternura – merecia um lugar à parte na nossa terra, pela sua abnegação, pela sua energia, e até pela distinção de sentimentos. Em Mira o lar é sagrado. É-o em todas as povoações da costa portuguesa que ficam longe dos centros corruptores.

Mas o trabalho pesado não é ainda o pior – o pior é o sobressalto constante da sua vida. A da lavoura tem o lar seguro. Vem o Inverno temeroso e a noite que não tem fim.

Fechada no casebre, à roda do lar, ela, o homem e a moça, com o filho no berço (ao lado na corte os bois fartos esmoem) – sente-se tranquila: sabe que na arca puída há meio carro de pão, o suor do seu rosto, e algumas moedas juntas. Pode o temporal abalar o tecto de colmo e o nevão cair lá fora. Ardemos raizeiros no lume e as traves de castanho são eternas, O buraco tem alicerces de granito até ao fundo do globo. Quanto ao pescador, esse há-de ir ao mar, único campo que lavra, ainda que arrisque a vida. Os pequenos pedem-lhe pão e ele não tem outro ofício. O tempo está mau e dias atrás de dias passam. – Sempre vou... – Ela sente o coração oprimido, mas cala-se. Sabe perfeitamente pelas outras o futuro que a espera. Quantas conheci sempre de luto, sem ir muito longe da minha casa!... Por fim diz: – Pois vai... – As redes, a cesta e ele embarca. Fica sozinha na noite que não tem fim. Fica com ela um bando de pequenos, e com o coração aos saltos põe o ouvido à escuta... A onda brame no cabedelo com um eco prolongado. – Não tem dúvida, é o mar que chama o leste. – Mas agora, a voz é outra, mais funda, o vento mudou para o sul e a barra cerra-se. – Irão arribar a Leixões?...

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

– Que tempo no mar alto, na noite trágica, e só negrume em roda! Nas mãos de Deus!
nas mãos de Deus!

Cabe-lhes sempre o pior quinhão da negra vida. Trabalham o dobro dos homens e vivem mais do que eles, porque sofrem muito mais.

Conheço na Foz esta mulher a quem chamam a Rata, corcovada, com uma saia pelos ombros, a apanhar peixe roído que lhe atiram por esmola – um cação, uma raia ou uns punhados de sardinha em dias de fartura. Velha, dura e negra, cheirando a peixe entranhado nos farrapos e a sal de sardinha, vive na Corguinha, entre pedaços de rede e de tábuas que o mar atira à costa. Passa o Inverno na ressaca a apanhar o moliço com as mãos. Não tem ninguém. Não fala nem pede. É a Rata, que corre as linguetas mal chegam as catraias e os batéis. Uma vez perguntei a um velho meu amigo, que está sempre de cachimbo na boca, quem ela era.

– Não sei, é a Rata.

Morou muito tempo em Sobreiras – e era a Rata das Sobreiras. Depois mudou para a Corguinha, onde vive num buraco que empesta a graxa de peixe e a raias escaladas. Passam-se às vezes semanas que ninguém vê essa figura descarnada, suja, com a saia de remendos pelos ombros. Mas chega o Inverno, e nos dias de perigo a Rata é a primeira a aparecer. No céu lívido, espumas que o temporal atira à costa. O camaroeiro içado. Nos penedos, os grandes rolos coléricos despedaçam-se em ribombos que ecoam, erguendo até ao céu esguichos de água com laivos amarelos dos fundos. A voz é temerosa. Os homens estão em perigo. Aparecem as mulheres desesperadas. Já se sabe que vai morrer alguém.

Não se suporta o vento acolá no farolim, ou nos penedos da praia. Só a Rata está de pé, no meio do temporal, e ignora o clamor; não dá pela água que a açoita, nem ouve os gritos das mulheres. Parece uma estátua sob o céu de chumbo. Todas as outras rezam. Um momento de ansiedade. Corre-se ao salva-vidas. Vida ou morte? Todas ajoelham com os braços atirados para o céu – e a Rata continua impassível como o destino; seus olhos fixos não se despegam daquele espectáculo tremendo. Nem um estremeção, nem um gesto.

– O estupor da velha!... – murmurei.

E então aquele homem calado, de cachimbo na boca, disse-me baixinho, ao ouvido:

– O mar levou-lhos todos...

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel

(ACHAMENTO DO BRASIL) (ORTOGRAFIA ATUALIZADA)



Senhor,

posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza — porque o não saberei fazer — e os pilotos devem ter este cuidado.

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo:

E digo quê:

A partida de Belém foi, como Vossa Alteza sabe, segunda-feira 9 de Março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária. E ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, houvemos vista

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Na noite seguinte à segunda-feira amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para poder ser!

Fez o capitão suas diligências para o achar, em umas e outras partes. Mas... não apareceu mais!

E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha — segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas — os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos.

Neste mesmo dia, a horas de véspera, havemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz! Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças. E ao sol-posto umas seis léguas da terra, lançamos âncoras, em dezanove braças — ancoragem limpa. Ali ficamo-nos toda aquela noite. E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitura à terra, indo os navios pequenos diante — por dezassete, dezasseis, quinze, catorze, doze, nove braças — até meia légua da terra, onde todos lançamos ancoras, em frente da boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos.

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.

Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se voltou às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

(..)

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar. O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com ele íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais.

Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que lho não havíamos de dar! E depois tornou as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas.

O Capitão mandou pôr por baixo da cabeça de cada um seu coxim; e o da cabeleira esforçava-se por não a estragar. E deitaram um manto por cima deles; e consentindo, aconchegaram-se e adormeceram.

Sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e tinha seis a sete braças de fundo. E entraram todas as naus dentro, e ancoraram em cinco ou seis braças — ancoradouro que é tão grande e tão formoso de dentro, e tão seguro que podem ficar nele mais de duzentos navios e naus. E tanto que as naus foram distribuídas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta nau do Capitão-mor. E daqui mandou o Capitão que Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias fossem em terra

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

e levassem aqueles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quais mandou dar a cada um uma camisa nova e uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que foram levando nos braços, e um cascavel e uma campainha. E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de dom João Telo, de nome Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. Fomos assim de frecha direitos à praia. Ali acudiram logo perto de duzentos homens, todos nus, com arcos e setas nas mãos. Aqueles que nós levamos acenaram-lhes que se afastassem e depusessem os arcos. E eles os depuseram.

(..)

Dali se partiram os outros, dois mancebos, que não os vimos mais. Dos que ali andavam, muitos — quase a maior parte — traziam aqueles bicos de osso nos beiços.

E alguns, que andavam sem eles, traziam os beiços furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

Ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbana deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém. Acenamos-lhes que se fossem. E assim o fizeram e passaram-se para além do rio. E saíram três ou quatro homens nossos dos batéis, e encheram não sei quantos barris d'água que nós levávamos. E tornamo-nos às naus. E quando assim vínhamos, acenaram-nos que voltássemos. Voltamos, e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas para lá as dar ao senhor, se o lá houvesse. Não trataram de lhe tirar coisa alguma, antes mandaram-no com tudo. Mas então Bartolomeu Dias o fez outra vez tornar, que lhe desse aquilo. E ele tornou e deu aquilo, em vista de nós, a aquele que o da primeira agasalhara. E então veio-se, e nós levamo-lo.

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

Esse que o agasalhou era já de idade, e andava por galanteria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; e outros, de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela.

Nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós.

(..)

E que portanto não cuidássemos de aqui por força tomar ninguém, nem fazer escândalo; mas sim, para os de todo amansar e apaziguar, unicamente de deixar aqui os dois degredados quando daqui partíssemos.

E assim ficou determinado por parecer melhor a todos.

(...)

Creio, Senhor, que, com estes dois degredados que aqui ficam, ficarão mais dois grumetes, que esta noite se saíram em terra, desta nau, no esquife, fugidos, os quais não vieram mais. E cremos que ficarão aqui porque de manhã, trazendo a Deus fazemos nossa partida daqui. Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto havemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos — terra que nos parecia muito extensa.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL

Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe.

Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em outra qualquer coisa que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro — o que d'Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de
Maio de 1500.

ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - SEMANA DA LEITURA 2013: O MAR - 8 A 12 DE ABRIL